
O renascimento do parto e do amor

O renascimento do parto.

ODENT, Michel.

Florianópolis: Saint Germain, 2002.

134 p.

A cientificação do amor.

ODENT, Michel.

Florianópolis: Saint Germain, 2002.

142 p.

A presença de Michel Odent no Brasil no I Congresso de Ecologia do Parto e do Nascimento em 2002 foi acompanhada do lançamento do livro *A cientificação do amor* e da reedição revisada e ampliada de *O renascimento do parto*. Suas obras aliam a informação científica a uma linguagem simples e profundamente sensível, constituindo uma rica contribuição à discussão da humanização da assistência ao parto.

O renascimento do parto é um livro da década de 1980, em que ele relata sua experiência como diretor de uma maternidade a 100 quilômetros de Paris. Descreve sua aprendizagem com as mulheres e as parteiras sobre a psicofisiologia do parto, provavelmente, como ele diz, por não ter passado por uma formação em obstetrícia. Seus princípios de “simplificação e eliminação de procedimentos desnecessários” da sua abordagem como cirurgião o nortearam em todo seu caminho como obstetra. A observação da busca espontânea das mulheres pela posição vertical no momento da expulsão levou-o a questionar o uso da mesa obstétrica, com a conseqüente passividade da mulher, e as dificuldades provocadas pelo parto horizontal. A construção de uma sala com uma cama larga e baixa, com cores quentes nas paredes, pouca luz,

privacidade e silêncio, constituiu o que chamou de o “primeiro passo concreto para devolver o parto às mulheres”. Nessas condições elas poderiam se sentir livres física e emocionalmente para agir e se movimentarem. Com o objetivo de promover o relaxamento e a entrega emocional das mulheres nesse período, surgiu o parto na água, sem que este fosse o objetivo, mas uma conseqüência do respeito ao desejo de as mulheres permanecerem na piscina na hora da expulsão do bebê. Todas as ações estavam inseridas em um ambiente institucional receptivo, afetivo e facilitador da intimidade entre a clientela e a equipe. O livro é recheado de depoimentos e fotos calorosas de cenas de parto que nos emocionam e nos estimulam a propiciar essa experiência a todas as mulheres. Nessas condições, o autor evidencia como a mulher tem capacidade de parir se não atrapalharmos sua vivência. Torna claro como o ambiente ajuda a mulher a criar a própria ocitocina e endorfinas necessárias nesse processo. Desenvolve uma análise sobre como a estimulação química das contrações, a episiotomia, a analgesia, a obrigação de ficar na posição deitada, a amniotomia, o uso da palavra “Força!” e até mesmo o treinamento de específicas respirações atrapalham a fisiologia do parto e a espontaneidade da mulher. Desmistifica ainda a idéia de que o parto de cócoras e na água sejam apenas voltados para as mulheres consideradas de baixo risco.

Para que a parturiente possa entrar em contato consigo mesma, condição necessária para o bom transcurso do parto, quem a estiver assistindo precisa exercitar também o contato consigo mesma/o. Esse é um belo ensinamento que Michel Odent oferece não só para o trabalho com o parto mas também para as diversas relações de cuidado com o ser humano, tais como as psicoterapias e diversas terapêuticas corporais. Odent é claro defensor de que a assistência ao parto seja realizada por parteiras, questão polêmica, entendendo que elas estão mais qualificadas emocionalmente para lidarem com a intensidade da experiência da mulher nesse momento e serem menos intervencionistas que os médicos.

A compreensão do parto como parte integrante da vida sexual e emocional da mulher

proposta em *O renascimento do parto* é aprofundada em *A cientificação do amor*, obra datada do ano 2000. Neste livro, com uma abordagem profunda e interdisciplinar da vinculação amorosa, apresenta a compreensão das bases fisiológicas e a integração entre diferentes momentos da vida: o sexo, o parto, a amamentação e o amor romântico. Com uma linguagem simples, mas com riqueza de referências científicas, esta obra reflete em parte seu trabalho no Primal Health Research Center,¹ em que são apresentadas pesquisas sobre a relação entre os diversos distúrbios emocionais (suicídio, anorexia, violência, drogadicção, autismo e esquizofrenia) e a ocorrência de perturbações no período primal, compreendido desde a vida intra-uterina até o primeiro ano de vida. Sua hipótese é a de que o cuidado com a forma como nascemos e com a vinculação amorosa mãe–bebê pode propiciar a construção de uma sociedade mais amorosa, menos destrutiva e de mais respeito pelos seres humanos e pela natureza. Propõe uma compreensão holística do nascimento, mostrando as relações entre os estados orgásticos, o parto, as diferentes formas de amor, a oração e as emoções místicas. O contato das mulheres consigo mesmas durante o processo do parto é fundamental. Nessa situação, as funções intelectuais neocorticais devem estar colocadas em segundo plano, facilitando a expressão de funções cerebrais mais instintivas, características do parto e do aleitamento. Observa como as mulheres costumam entrar em estado especial de consciência, similar às emoções místicas e ao orgasmo.

Através de uma integração dos conhecimentos, indica uma possibilidade de reconexão do homem com as diversas partes de si mesmo. Nesse sentido, Odent atravessa diferentes temas, sempre na busca da compreensão do que seria mais fisiológico na forma humana de amar e de nascer. Passa pela atração dos seres humanos pela água dentro da história evolutiva da nossa espécie, explicando como ela facilita o parto e a lactação; discute o nascimento de Jesus como modelo de encontro mãe–bebê e aprofunda a discussão sobre a recuperação da natureza biológica do nascimento. Nessa nova edição apresenta ainda uma discussão sobre os distúrbios clínicos na gravidez, entendidos como conflitos na fisiologia da mãe e do bebê.

Sua obra traz uma grande contribuição para

o encontro da mulher com sua corporalidade, diminuindo a dissociação corpo–mente tão incrementada na nossa cultura. Traz o desafio de compreendermos o biológico sem dissociá-lo dos elementos culturais da formação das famílias. Nesse sentido, devemos refletir sobre suas atuais colocações² a respeito dos possíveis prejuízos da participação do pai do bebê no nascimento. Apesar de ter sido tão estimulador dessa prática, apresentando várias fotos de pais apoiando as mulheres em *O renascimento do parto*, hoje ele discute que a presença do pai ou uma acompanhante pode prejudicar o processo de introspecção e entrega emocional da mulher. Buscando preservar a entrega da mulher ao parto, refere-se ao estímulo das funções intelectuais do néocortex com a presença de observador que coloque palavras e atitudes inadequadas. Apesar de reconhecer que os maridos sejam a referência emocional das mulheres nas famílias nucleares urbanas, Odent não considera que os homens, segundo sua observação nos partos, teriam condições de acompanhar a experiência profunda de uma mulher em trabalho de parto. Exemplifica para a sua discussão o parto de animais e de seres humanos em diferentes culturas em que os machos são excluídos. Suas palavras nos remetem a uma compreensão essencialista de gênero, pautada no modelo de masculinidade hegemônica, em que os homens não teriam sensibilidade e afetividade para acompanhar a vivência das mulheres, e em que caberia apenas a elas o cuidado com as crianças. Nessa discussão, não podemos nos esquecer do envolvimento dos fatores psicossociais presentes em cada experiência humana. As pesquisas com pais participantes do parto³ revelam o valor do suporte emocional que eles podem oferecer às mulheres, já que o pai costuma ser a única pessoa presente na sala de parto voltada exclusivamente para atenção ao estado emocional da gestante. Além disso, a participação dos pais possibilita o compartilhamento do nascimento pelo casal em um período de crise com a chegada de um filho e o exercício da solidariedade entre homens e mulheres. Oferece ainda a oportunidade para a formação de vínculos pais–bebês, propiciando uma experiência importante de uma paternidade afetiva na construção de novos modelos para a masculinidade.⁴

Considerando a presente luta pelo direito da mulher de escolha de seu/sua acompanhante no parto, a reflexão sobre o questionamento

proposto por Odent indica a importância de que os/as acompanhantes sejam preparados com informações e sensibilização para a experiência. Além disso, as equipes obstétricas e pediátricas precisam ser treinadas para lidar com a família e a profundidade emocional do nascimento. A colocação dessa questão por Odent nos remete ao desafio para a sua proposta de abordagem ecológica do nascimento em que a aliança entre cultura e natureza deverá estar sempre presente.

Odent é um cientista revolucionário e um visionário da construção do que ele chama de era do *Homo ecológicus*, em que o cuidado com a vinculação entre a mãe e o bebê no período em torno do nascimento possibilitará o desenvolvimento de uma sociedade voltada para o amor, onde o respeito ao outro e à natureza estejam presentes. A leitura de suas obras, sem dúvida alguma, é um grande estímulo para que cada um de nós, profissionais, mães e pais, receba as próximas gerações com mais amor.

¹ Ver <http://primalhealth.com>.

² Esse questionamento sobre a participação dos pais no parto está presente em *A cientificação do amor*, no prefácio da segunda edição americana de *O renascimento do parto* e no artigo *Is the Participation of the Father Prejudicial to the Birth?*, publicado na Internet em <http://www.midwiferytoday.com/fathers/waterfamily>, em 18 de abril de 2001.

³ BERTSCH T. D., NAGASHIMA-WHALEN, L., DYKEMAN, W., KENNEL J. H., and MACGRATH, S. "Labor Support by First-Time Fathers: Direct Observations with a Comparison to Experienced Doulas". *Journal of Psychosomatic Obstetric Gynaecology*, II, 1990, 251-260. CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *A participação do pai no nascimento da criança: as famílias e os desafios institucionais em uma maternidade pública*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ CARVALHO, 2001.

MARIA LUIZA DE CARVALHO ■
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Que valores escolhemos nesse ritual?

Birth as an American Rite of Passage.

DAVIS FLOYD, Robbie.

Berkeley: University of California Press, 1992. 382 p.

A irracionalidade das práticas da assistência ao parto – a contradição entre o que prescreve a ciência e como as práticas se organizam – tem intrigado muitos estudiosos do tema há várias décadas. Para iluminar esse enigma, além dos movimentos sociais organizados e daqueles que lidam com a medicina perinatal, surge a contribuição de antropólogas que vieram a compor o que hoje se conhece como a 'Antropologia do Parto', criada em torno do trabalho inovador de várias autoras, entre elas Brigitte Jordan, chamada a 'parteira' desse campo. Jordan desenvolveu um estudo comparativo sobre o parto em quatro culturas e

incluiu o modelo norte-americano de assistência como um deles, de maneira a analisá-lo como fenômeno antropológico da mesma forma que o 'modelo' de outras culturas, 'complexas' ou 'primitivas', criando um estranhamento sobre a assistência norte-americana até então inédito.¹

Para uma revisão exaustiva do tema há, entre outras, a coletânea de Robbie Davis-Floyd e Carolyn Sargent,² um extenso levantamento do tema na literatura antropológica. Nos poucos anos que se passaram depois dessa coletânea, houve um número crescente de estudos sobre parto no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Esses trabalhos, partindo de diversas bases conceituais e disciplinares, têm muitas vezes procurado o diálogo e a interfecundação na abordagem do seus objetos.

Entre os trabalhos mais provocativos para essa interfecundação está o da antropóloga cultural Robbie Davis-Floyd, e em especial o seu livro *Birth as an American Rite of Passage (1992)*. Essa obra pode ser abordada de muitas maneiras. Como médica, com formação em Medicina Preventiva, prefiro abordá-lo da perspectiva do diálogo – e das provocações –